

Eliane do Nascimento Rodrigues 

Mestra em Sociedade, Ambiente e Qualidade de Vida
Universidade Federal do Oeste do Pará - PPGSAQ
19rodrigues19@gmail.com

Danielly Samara Mafra Pereira 

Mestranda em Sociedade, Ambiente e
Qualidade de Vida
Universidade Federal do Oeste do Pará - PPGSAQ
Is6699470@gmail.com

Itamar Rodrigues Paulino 

Doutor em Teoria Literária, professor e pesquisador
Universidade Federal do Oeste do Pará
itasophos@gmail.com

FLEXAL DE ÓBIDOS: PATRIMÔNIO VIVO DAS LENDAS, FESTAS E VOZES DA AMAZÔNIA

Resumo

O distrito de Flexal, em Óbidos (PA), é uma comunidade tradicional de terra firme, com forte vínculo cultural com a floresta Amazônica. Este estudo apresenta os resultados de uma pesquisa qualitativa realizada in loco, voltada à valorização do patrimônio cultural, histórico e natural local. A partir de revisão bibliográfica, observação direta e inventário da memória viva, foram identificados mitos, festejos e práticas que reforçam a identidade coletiva e a continuidade de tradições. Os resultados evidenciam a importância da valorização desses elementos para a preservação da herança sociocultural de Flexal.

Palavras-chave: Comunidade. Floresta amazônica. Preservação. Herança cultural.

FLEXAL DE ÓBIDOS: living heritage of legends, festivals and voices of the Amazon

Abstract

The Flexal district of Óbidos, Pará, is a traditional terra firme community with strong cultural ties to the Amazon rainforest. This study presents the results of qualitative research conducted on-site, focusing on the appreciation of local cultural, historical, and natural heritage. Through a literature review, direct observation, and an inventory of living memory, myths, celebrations, and practices that reinforce collective identity and the continuity of traditions were identified. The results highlight the importance of valuing these elements for the preservation of Flexal's sociocultural heritage.

Keywords: Community. Amazon rainforest. Preservation. Cultural heritage.

ACORDANDO MEMÓRIAS

No contexto das culturas locais, as comunidades tradicionais exercem um papel fundamental na preservação e transmissão dos saberes culturais. A cultura encontra-se intrinsecamente ligada à identidade social, sendo construída e atualizada a partir da memória coletiva, por meio dos ritos, costumes, gestos, na arte dos preparos e os modos de convivência que, ao longo das gerações, moldaram a identidade cultural local. Em conjunto, esses elementos emergem da vivência dos povos que compõem os modos de vida tradicionais, sendo manifestados por meio das memórias coletivas, que orientam o presente e projetam o futuro das comunidades tradicionais.

A memória local constitui uma pedra angular da identidade coletiva, pois é por meio dela que compreendemos como surgimos, como resistimos e como evoluímos enquanto sujeitos culturais. Conforme Nora (1993), a memória é vida, sempre carregada por grupos vivos, e nesse sentido, ela está em constante transformação, aberta à dialética entre a lembrança e o esquecimento. A memória, torna-se, assim, um elo vivido no presente contínuo, consagrando a lembrança como sagrada, emergindo de um grupo que a mantém viva, sendo coletiva e múltipla, constantemente interpretada e ressignificada.

O surgimento da memória está profundamente enraizado nas experiências e vivências compartilhadas entre os indivíduos que, ao longo do tempo encontram “desde que nascem um mundo de conhecimentos que lhes vai sendo transmitidos pela sociedade, por sua vez herdeira de conhecimentos anteriores e aberta e novas interpretações” (Proença Filho, 2007, p. 38). Neste percurso, os grupos sociais desenvolveram suas identidades por meio das narrativas orais, dos ritos e rituais, das práticas e expressões culturais que refletem suas interações no ambiente em que vivem e entre si.

A memória local, nesse sentido, constitui-se como um patrimônio em constante construção, superando a ideia de um simples repositório de informações. Ela adapta-se às transformações sociais e possibilita que as comunidades reafirmem sua identidade e resistência diante das mudanças aceleradas da contemporaneidade e antes dela, frente à oposição de uma História inventada, que por muito tempo tentou renegar as raízes culturais existentes no Brasil. Arantes (2010) apresenta que

No Brasil, as discussões sobre patrimônio ficaram mais intensas e apaixonadas à medida que os itens a serem preservados passaram a incluir, além não apenas os relacionados à cultura de elite, mas, também, em número cada vez maior, os que dizem respeito a culturas indígenas e populares (Arantes, 2010, p. 56).

Nessa perspectiva, trazemos o patrimônio da memória viva em forma de inventário cultural de uma comunidade situada na Amazônia, que valoriza sua história local por meio de depoimentos de moradores. Esses relatos revelam tradições e narrativas sobre eventos transmitidos entre gerações, fortalecendo a identidade comunitária frente à modernidade imposta. Conforme Pollak (1989, p. 14), “a história de vida ordena acontecimentos que balizaram uma existência. Além disso, ao contarmos nossa vida, em geral tentamos estabelecer uma certa coerência por meio de laços lógicos entre acontecimentos-chaves”.

Os relatos colhidos incluem aspectos religiosos, festividades e elementos da vida cotidiana, como hábitos e costumes, expressões linguísticas regionais e narrativas locais, oferecendo, assim, uma visão abrangente da memória coletiva da comunidade e como ela permite que os indivíduos se reconheçam nela. Em relação aos locais, classificamos conforme Bakhtin (1997), como gêneros primários, tais como narrações, os diálogos e práticas culturais, que ao serem transformados, passam a compor os gêneros literários, inserindo-se, portanto, em uma esfera mais ampla de comunicação cultural.

Paulino (2018, p. 156), defende que “é preciso haver um processo constante de registro das diversas manifestações culturais e apresentá-las como patrimônio e memorial de um povo”. Nesse contexto, a oralidade de saberes oriundos dos povos tradicionais reflete o sentimento de pertencimento, resistência e ancestralidade, colaborando para que as memórias locais continuem vívidas no seio coletivo, formando uma comunidade coesa, na qual cada indivíduo possa se identificar nos espaços que habita.

A pesquisa foi realizada no ano de 2014, de forma participativa *in loco* com apurações dos moradores locais em método roda de conversa e diálogo domiciliar. Inicialmente, planejou-se o formato entrevista estruturadas, entretanto, as conversas espontâneas que surgiram durante essas interações proporcionaram informações importantes sobre as práticas culturais colhidas e os conhecimentos acerca dos acontecimentos locais. Os participantes foram

observados e ouvidos atentamente, permitindo uma compreensão mais profunda sobre os saberes locais, sendo que suas falas são preservadas neste estudo na mesma estrutura gramatical colhida nas conversas. Além da pesquisa, foi feita uma análise bibliográfica acerca dos eventos colhidos e fundamentados em estudos já publicados oferecendo assim, um pano de fundo teórico e contextual.

A pesquisa, baseada nas vozes locais, destaca a importância de explorar e tomar conhecimento das expressões culturais, lendas, mitos, elementos festivos, bem como os aspectos memoriais e históricos que construíram a vida cotidiana em um território amazônico. Ao organizar tais informações, propõe-se não apenas o registro do patrimônio local por meio da oralidade e das comunicações, mas também a promoção de ações colaborativas voltadas à conservação e valorização dessa herança memorial, servindo, assim, como fundamento para o fortalecimento da identidade cultural e da cidadania.

ENTRE MITOS E MEMÓRIAS LOCAIS DE FLEXAL

Flexal é uma comunidade tradicional localizada entre áreas de terra firme e várzea, no município de Óbidos, região do baixo Amazonas, Estado do Pará. Limita-se ao norte com a Comunidade Cuiteua, na Cabeceira do Leonel; a leste com o município de Curuá; ao sul com o Lago Flexal; e a oeste com a Comunidade Buiuçu.

Para compreender a cultura memorial dessa comunidade, realizamos a oitiva dos moradores, buscando apreender suas vivências, costumes, histórias e experiências coletivas. Essas memórias estão profundamente ligadas às relações sociais, às práticas locais e à floresta amazônica, da qual usufruem os recursos naturais, assim, o estar junto é compartilhar a experiência em uma relação de reconhecimento recíproco que requer ocupar um lugar (Lazzari; Mazzarino; Turatti, 2017).

A memória coletiva, de acordo com Maurice Halbwachs (1990), não é simplesmente a soma das memórias individuais, mas uma construção social compartilhada que se forma e se mantém por meio das interações entre os membros de um grupo. Dessa forma, os mitos, lendas, histórias e experiências relatadas pelos moradores revelam-se como elementos dessa memória social, carregados de significados coletivos que reforçam a identidade da comunidade.

Entretanto, é importante destacar que essas narrativas não devem ser encaradas como verdades fixas, mas como construções dinâmicas e problematizadoras que expressam valores, conflitos e adaptações da comunidade frente às transformações sociais e ambientais. Os contos e festejos locais, além de preservar tradições, também funcionam como espaços de negociação cultural, onde se refletem as existências, os desafios e as resistências do distrito Flexal.

Paulino (2018, p. 154) define cultura como o “ajuntamento de costumes e crenças, as manifestações artísticas, os hábitos cotidianos, as experiências e o conhecimento pessoais coletivos acumulados e transmitidos entre gerações, e as relações entre os seres humanos e o seu ambiente”. Essa definição reforça que a cultura memorial de Flexal é resultado da interação constante entre a comunidade, sua história e o território onde vivem.

Nesse contexto, os mitos e lendas contados pelos moradores não apenas preservam tradições, mas também reforçam a identidade local, revelando visões de mundo construídas socialmente. Conforme Rodrigues e Paulino (2023, p. 136), essas narrativas estabelecem “uma intersecção momentânea entre a história do sujeito, seu contexto social e seus projetos de vida”, atribuindo sentidos ao passado a partir das vivências do presente. Igualmente, cumprem um papel essencial na transmissão de valores e no fortalecimento da convivência comunitária, tornando-se instrumentos vivos de memória. Assim, tais narrativas desempenham um papel fundamental no fortalecimento da convivência comunitária e as práticas de apropriação cultural (Chartier, 1990) entre as gerações, “a fim de elucidar o papel identitário de pertencimento, elevando e respeitando a diversidade cultural como ferramenta de amparo destas culturas em suas próprias vicissitudes” (Serres; Azevedo, 2021, p. 30).

Inicialmente trazemos em nossa investigação as histórias locais, que servem como base para os ensinamentos, crenças e conhecimentos dos habitantes do distrito de Flexal. Essas narrativas, também conhecidas como *causos*, enquadram-se na categoria contos populares e são tradicionalmente narradas por pessoas de “origem ribeirinha, interiorana e/ou cabocla”, baseado em compilados de escritos diversos, muitos dos quais foram publicados em jornais (Andrade; Cunha; Rodrigues, 2023, p. 236). Esses causos são propagados de geração em geração, por meio do costume comunitário de se reunir em rodas

de conversas e relatar histórias, um processo que preserva o caráter oral de transmissão cultural.

O distrito de Flexal também é rico em lendas e superstições, que fazem parte do imaginário coletivo de seus habitantes. Um exemplo dessas histórias é a *Porca Velha*, que remonta a um episódio misterioso contado pelos moradores mais antigos. Segundo relatos, uma mulher se transformava em uma porca de tamanho gigante e percorria as ruas durante a noite, correndo atrás das pessoas. Em uma dessas ocasiões, a porca misteriosa foi surpreendida por moradores, que a atacaram com pedaços de pau. Após um mês de aparições, a porca misteriosa desapareceu, e desde então não se teve mais notícias sobre sua existência.

Outra lenda bastante conhecida em Flexal é a de *Matinta Pereira*, uma figura enigmática que, embora nunca tenha sido vista, é frequentemente ouvida pelos moradores. João Pinheiro, de 78 anos, e Firmo Cardoso dos Santos, de 84 anos, relatam que Matinta Pereira se faz presente unicamente por seus assobios finos e suaves. Acredita-se que, se alguém a desafiar ou perturbar, Matinta assombra essa pessoa. Em Flexal, circula o boato de que algumas pessoas podem até se transformar nessa figura simbólica.

Ainda dentro do universo das lendas amazônicas, a *Lenda do Boto*, amplamente conhecida e contada pelo Senhor Raimundo Miléo Venâncio, que cresceu em Flexal. A história narra sobre o Chico Pereira, um homem que passava horas à espera do boto, tentando confirmar se ele realmente saía da água para se encontrar com as mulheres. Certo dia, algumas pessoas avistaram um animal saltando no rio e imaginaram que fosse o boto. Determinado a encontrar o famoso animal, seu Chico subiu em uma árvore para esperar o momento certo. Quando ouviu o assobio característico do boto, desceu rapidamente da árvore, correu em direção ao animal e tentou atacá-lo com um arpão. No entanto, o boto desapareceu na água antes de ser atingido. Até hoje, ninguém sabe se era realmente o boto ou outro animal.

As lendas coletadas contêm elementos intrínsecos da floresta amazônica, refletindo a cultura, a cosmovisão e a espiritualidade do povo da região. Essas narrativas estabelecem uma profunda ligação entre os seres e a natureza, reforçando o conhecimento sobre o meio em que surgem, além de verbalizar a crença em uma realidade que transcende o espaço físico conhecido. A função das lendas é, portanto, a busca espiritual por um mundo maravilhoso, onde

predomina o valor do ser humano, sendo difundidas desde o início das sociedades e apresentando temas que desenvolvem com preocupações semelhantes em todas as culturas (Bayard, 2002). As lendas desempenham um papel fundamental na vida de um grupo social, pois seus enredos refletem, por meio de elementos históricos, culturais e míticos, os fatos imagináveis que servem como repasse dos valores, crenças e experiências vividas por uma localidade.

Quanto às superstições, os comunitários relatam as seguintes crenças: *‘Mulher menstruada não pode pisar na borra de café, porque isso causaria doença na barriga da mulher’*; *‘Não passar por cima de corda de cavalo menstruada, pois isso causaria mola na barriga da mulher’*; *‘Mulher menstruada não deve ir à beira-rio tomar banho, por causa da cobra guarimbambóia, que poderia engravidar a pessoa’*; *‘Mulher grávida não pode comer rápido, para evitar a criança demore a nascer’*. As crenças dos habitantes, ao evitarem certas atitudes, evidenciam seu profundo entrelace espiritual local, atribuindo significados especiais a eventos, objetos ou comportamentos. Essas crenças influenciam o possível futuro, determinando sorte ou azar para os indivíduos envolvidos. Tais crenças, por sua vez são passadas de geração em geração e refletem valores oriundos do saber cultural, de grupos sociais (Carmo *et al.*, 2021).

O distrito de Flexal abriga uma quantidade significativa de idosos, cuja memória constitui uma rica fonte de conhecimento sobre a história, mitos, lendas e outros aspectos culturais da região. De acordo com Cavignac (2005; 2007), esses relatos orais, muitas vezes informais e não formalizados, carregam “pedaços de mitos” que revelam como os moradores reelaboram sua história e identidade. Para preservar essa memória viva, foram realizadas entrevistas com os membros mais antigos da comunidade, com o objetivo de coletar e documentar esses relatos, os quais são fundamentais para a compreensão da trajetória do distrito. Para Nascimento,

Contudo, é importante destacar que cada indivíduo guarda dentro de si uma enorme bagagem, uma grande complexidade de experiências, e nem sempre fatos vivenciados coletivamente podem causar o mesmo impacto em todos os indivíduos que presenciaram tais acontecimentos (Nascimento, 2022, p. 1539).

As memórias acerca dos fatos não apenas moldam a identidade construída no passado, mas servem como uma influência para os membros se relacionarem no presente. Neste sentido, analisar a memória coletiva é essencial para compreender as experiências individuais e grupais se entrelaçam definindo o local e seus habitantes. Pollak argumenta que:

Estudar as memórias coletivas fortemente constituídas, como a memória nacional, implica preliminarmente a análise de sua função. A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis (Pollak, 1989, p.8).

Os relatos orais colhidos na localidade, serviram de construção identitária e preservação memorial pois, “há comunidades que possuem uma memória histórica viva, que irradia para além da terra original, vivida diretamente e transmitida por tradição escrita e oral” (Rioux; Sirinelli, 1998, p. 319). Para compor este estudo, foram ouvidos moradores mais antigos do distrito de Flexal, selecionados por suas vivências e conhecimentos sobre a história local.

As entrevistas ocorreram durante rodas de conversa e visitas domiciliares, registrando memórias individuais e coletivas, incluindo mitos, histórias e experiências que revelam aspectos da identidade comunitária. Ferreira (1998, p.13) aponta que “as fontes orais foram de grande valor para deslindar impasses apresentados pelas fontes escritas, além de constituir uma forma de narrativa de memória familiar na qual os aspectos íntimos e privados lograram se expressar mais claramente”.

O primeiro interlocutor entrevistado foi Raimundo Miléo Venâncio, de 65 anos, filho de Sebastião Barros Venâncio e Helena Miléo Venâncio. Natural de Flexal, Raimundo pertence a uma família com ascendência italiana. Seus avós, imigrantes italianos, chegaram à região de Castanhal do Ipixuna, localidade próxima a Flexal, em busca de melhores condições de trabalho. Seu avô paterno, João Miléo, era descendente de portugueses.

Na época, os Miléo tentaram preservar o grande castanhal que possuíam, mas a chegada gerou resistência por parte dos moradores de Igarapé-Açu, comunidade vizinha, que não desejavam que os imigrantes se aproximassem

de suas terras ricas em recursos naturais. Essa oposição resultou em confrontos, e até reuniões secretas foram realizadas pelos moradores locais para planejar a morte de João Miléo, pai de Sebastião Barros. Munidos de facas, facões e foices, os moradores se prepararam para um confronto, mas João, com uma faca em mãos, conseguiu se defender até que precisou recorrer às autoridades de Belém para garantir sua segurança e a do castanhal. Após a intervenção das forças armadas, o conflito foi contido. Porém, tragicamente, João Miléo veio a falecer após um acidente: ao manusear veneno para matar formigas saúvas, o produto atingiu seu rosto, levando-se à morte por envenenamento.

Outro morador ilustre e de idade avançada é Firmo Cardoso dos Santos. Sua mãe, Raimunda Cardoso dos Santos, é natural do Flexal. Segundo ela, o modo de viver no distrito, antigamente, era muito mais tranquilo. Naquela época, os moradores fabricavam produtos artesanais como vassouras de cipó, óleo de pataúá e breu, que eram vendidos para garantir a sobrevivência. A vida era simples, mas as trocas comerciais eram suficientes para sustentar as famílias. No entanto, com o passar dos anos, o distrito passou por grandes transformações. Raimunda observa que, atualmente, a dinâmica local mudou consideravelmente, e os mais jovens, muitas vezes, não demonstram o mesmo respeito pelos mais velhos, algo que era comum no passado. Essa mudança de comportamento reflete as profundas alterações sociais pelas quais a comunidade tem passado, evidenciando as diferenças entre as gerações e as novas influências que chegam ao distrito.

Outro depoimento relevante é o da senhora Nila Pereira que se mudou para o Flexal ainda jovem, aos 23 anos, vinda de Paraná de Baixo, acompanhada de seus quatro filhos: Manoel Raimundo, Luzia, Maria Francisca e Antônio, este último já falecido. Na época, Nila se dedicava ao cuidado da casa onde morava, e, nas horas vagas, trabalhava como diarista nas residências de fazendeiros e comerciantes locais. Seu relato oferece uma visão valiosa sobre as condições de vida e as ocupações das mulheres na comunidade naquele período.

Os depoimentos dos idosos locais oferecem ricas memórias sobre a história e as tradições do Flexal, incluindo os festejos que acontecia na comunidade e que serviam como modelo de ajuntamento social e compartilhamentos de elementos essenciais da cultura e tradição. “Pelo trabalho de um erudito local, uma memória histórica pode vir a nascer com o despertar da consciência

regionalista” (Rioux; Sirinelli, 1998, p. 319). Na oitava realizada em Flexal, inclui-se a *Festa de São João Batista*, um dos festejos religiosos que ocorre anualmente na comunidade. Sobre Festas de São João, Carvalho e Costa ressaltam que:

O São João carrega em si um forte apelo popular e, quase sempre, a uma festividade de aspecto rural, certamente devido às suas origens e tradições arcaicas relacionadas ao mundo primitivo, do trabalhador do campo e efetivamente agrário. Nesses locais, sobretudo em tempos tão antigos quanto os da era pré-cristã, as populações viviam em localidades pequenas, onde se revelavam simplesmente como pequenas aldeias, vilas e povoados longínquos e distanciados dos centros urbanos (Carvalho; Costa, 2022, p. 79).

Com o surgimento de Flexal, chegaram pessoas de diversas religiões, etnias e crenças, contribuindo para o povoamento e a diversidade cultural da região. Entre essas pessoas, destaca-se um senhor conhecido como Cabecinha, que se estabeleceu em um terreno localizado na rua Beira Rio. Durante sua estadia, Cabecinha encontrou um “santo de pau”, deixado pelos antigos habitantes da região. Movido pela curiosidade e pelo desejo de entender mais sobre a história do santo milagreiro, Cabecinha reuniu amigos e familiares para discutir a possibilidade de construir um barracão onde os fiéis pudessem realizar cultos, preces e agradecer pelos milagres recebidos. Essa proposta não apenas despertou a fé comunitária, mas também tornou a construção do barracão uma questão importante.

A partir daí os fiéis conseguiram reunir recursos com o apoio da comunidade, construindo assim, o barracão que posteriormente foi substituído por uma igreja de barro com cobertura de palha, situada na Rua Aluísio Chaves, que na época se tornou o centro da comunidade para realizar a Festa de São João Batista. A atual estrutura da Igreja São João Batista foi oficializada em 1948, tendo como os primeiros catequistas que ajudaram a consolidar a fé na região, os senhores Alípio Nilson Gomes da Silva e Frei Rodolfo.

A festividade de São João Batista é celebrada no mês de junho e reúne a comunidade em torno de tradições religiosas e culturais. Durante o evento, são realizados leilões de oferendas, desfiles de candidatas e várias atrações culturais, que atraem muitos visitantes. No dia do Círio, um dos momentos mais emblemáticos da festa é a apresentação da *Folia de São João Batista*, com destaque para o levantamento do mastro pelos foliões, uma tradição que marca a celebração. A procissão fluvial também é um dos pontos altos da festa,

quando a imagem de São João Batista é conduzida pelas águas até a igreja, simbolizando a devoção e a fé do distrito.



Figura 1. Igreja de São João Batista. Fonte: Eliane Rodrigues, 2024.

Tradicionalmente, o mastro era derrubado após o dia da festa, mas com o tempo essa prática passou a ocorrer após a missa. Cada golpe de machado dado no mastro representa uma contribuição para a festa. Após a derrubada, todos correm para pegar a bandeira que fica na ponta do mastro, e quem conseguir retirar a bandeira, fica responsável pela ornamentação do mastro no ano seguinte, perpetuando assim essa tradição e o espírito festivo. Esses elementos não tornam a festa apenas um rito religioso, mas também uma expressão de cultura e de união comunitária, fortalecendo os laços entre os moradores.

Sobre a Festividade de São João Batista, existem alguns relatos locais que contam a história de sua origem. Segundo Mateus Ferreira Bentes, conhecido como Alalias, um dos foliões que carregava a Bandeira Branca na época, a festa surgiu a partir de uma promessa feita pela mãe de uma criança chamada João Carvalho, mais conhecido como Cabecinha. Há muitos anos, ela perdeu seu filho na mata e, em sua dor, fez uma promessa de homenageá-lo e festejá-lo todos os anos durante sua vida na Terra. Inicialmente, a festa era realizada no mês de maio, com a elevação do mastro adornado com frutas de várias espécies, seguida de sua derrubada e a varrição. Os responsáveis pela organização da festa eram conhecidos como Mordomo, Juíza e Procuradeira.

Com o passar dos anos, a Folia de São João Batista se consolidou como uma tradição. Mais tarde, a festa foi transferida para o mês de junho, e a organização passou a contar com nomes importantes, como Marcelino Pereira de Souza,

conhecido como 'Mantenedor', responsável pela caixinha ou caixa de repique; e Pedro Branches dos Santos, de 72 anos, o 'Capitão Folião', que comandava a caixa grande ou caixa de resposta. Além dessas figuras, a Folia contava também com os foliões protetores dos santos, que eram: Arlinia Garcia de Souza, Dilvana Garcia de Souza, Shirley Garcia de Souza, Orlandino Ribeiro de Vasconcelos, Ivana Garcia de Souza, Manoel Pinheiro de Amorim, Francisco Vieira de Amorim, Edilson da Silva Gomes e Aldelita Silva Ribeiro.

A comemoração dos festejos de São João na comunidade é marcada pela tradição do mastro de oferenda, levantado em homenagem a São João Batista. Este mastro simboliza a fartura e a partilha dos bens, representando a união e a solidariedade entre todos os membros da comunidade. A folia de São João Batista não se limita apenas ao Santo Padroeiro, mas também inclui a veneração de outros santos, como São José, Santa Isabel e São Domingos, que acompanham São João Batista durante as celebrações.

Outro festejo religioso que acontecia em Flexal era o *Folguedo das Pastorinhas*. Uma tradição que remonta aos tempos antigos e que carrega uma forte carga de nostalgia para os moradores mais antigos de Flexal. Segundo relatos de Ana Lourdes Bentes de Souza e Maria de Lourdes Cardoso Pinto, a Pastorinha era muito mais do que uma simples brincadeira de Natal, era uma verdadeira celebração ligada e fé, à espiritualidade e a união comunitária. Com suas danças e cantos em homenagem ao Menino Jesus, o folguedo encantava as gerações, criando um ambiente de alegria e devoção, que fazia os olhos dos mais velhos brilharem ao lembrar aqueles momentos de união e celebração.

Os folguedos são festejos populares em que se caracteriza pela presença da música, dança e da teatralidade, em que sua raiz é religiosa e cultural envolvendo aspectos das culturas africana, portuguesa e indígena e conforme o tempo, outros elementos culturais foram mudados ou inseridos (Macedo, 2020). A participação de todos, independentemente da idade transformava a festa em uma verdadeira manifestação de coesão social, onde o espírito de solidariedade e fé era vivido coletivamente, promovendo laços entre os moradores e perpetuando o valor da tradição religiosa no coração da comunidade.

O sentimento de pertencimento ao que somos submetidos desde nosso nascimento são, elementos oriundos de contextos sociais pelos quais nossa história foi concebida e perpetuada através de nossas manifestações culturais. Essa transmissão cultural é importantíssima, pois tudo o que

aprendemos no convívio social ao que somos inseridos se transformam em práticas cotidianas e similares, que norteiam nosso caminho enquanto indivíduos de uma determinada conjuntura cultural (Serres; Azevedo, 2021, p. 35-36).

A Pastorinha era dividida em dois grupos, o Cordão Azul e o Cordão Vermelho, com um total de vinte e quatro participantes, doze em cada grupo. O Cordão Vermelho era composto por figuras como o Anjo, o Pastor Guia, a Mestre, a Borboleta Azul, a Saluía Libertina, a Galega, o Caçador, a Ceifeira do Trigo, a Rosa Vermelha, a Espanhola e a Pequenininha. Já o Cordão Azul contava com a Estrela, o Pastorzinho, o Contra-Mestre, a Borboleta Azul, a Rosa Branca, a Florista, o Zabumba, o Galego, o Jardineiro, a Sabina, o Pastor Pobre e a Cigana. Esses personagens se reuniam diante de um presépio, onde um boneco representava o Menino Jesus, e ali, entre risos e cantos, a magia do Natal tomava forma.

Com o passar dos anos, os mais antigos da comunidade, ao contarem sobre a Pastorinha, falam com emoção e saudade, lembrando-se da energia das crianças, da alegria nas danças e das cantorias que enchiam as casas e as ruas do Flexal. Para muitos, aquele momento representava a pureza e a união do povo, e é com uma nostalgia doce e afetuosa que revivem aqueles tempos em que todos se reuniam para celebrar o Natal de maneira simples, mas repleta de significado. A tradição da Pastorinha fundada pelas senhoras Ana Lurdes Bentes, Maria de Lourdes Cardoso Pinto e Nila Pereira era, sem dúvida, um elo que unia as gerações, perpetuando a fé e a cultura local de maneira única e encantadora. O festejo começava com os participantes divididos em duas filas: o Cordão Azul e o Cordão Vermelho e ao entrarem, cantavam juntos:

*“Entraremos, entraremos nesta casa de alegria
para ver o Bom Jesus filho da virgem Maria,
viemos de altas montanhas, atravessando a campinas,
Para adorar ao Deus menino que está deitado entre as
palhinhas.”*

Depois, cada grupo se posicionava, e cada personagem tinha sua música. O Anjo do Cordão Vermelho começava a cantar ao redor do presépio, seguido pelas Pastorinhas, que cantavam:

*“Lá do céu já vem descendo,
Pastorar o mundo assim...”*

O terceiro festejo religioso que marcou a comunidade de Flexal foi Folguedo do Pavãozinho, foi uma tradição importante especialmente na década de 1960,

e foi fundado no ano de 1965 pela professora Auria Warli Ferreira, conforme o relato de Ana de Lourdes Bentes. Era uma dança popular que envolvia 23 crianças, divididas em diferentes papéis, como caçador, caterina, índios, doutor da medicina e o pajé. O grande destaque dessa celebração era o Pavão, um animal verdadeiro, empalhado por Armando Moda, um empalhador de animais da região. A dança acontecia em um barracão improvisado, feito de pau e palha preta, chamado *Ramada*.

As crianças, vestidas com seus trajes coloridos e típicos da época, dançavam com entusiasmo, embaladas pela alegria coletiva. As meninas usavam saias de iamê verde e blusas amarelas, enquanto os meninos trajavam camisas amarelas e bermudas verdes. O doutor se destacava com sua camisa amarela e bermuda preta, e sua mulher usava blusa e saia preta, compondo o cenário de um folguedo festivo e encantador. Embora o folguedo do Pavãozinho já não seja mais realizado, esse folguedo permaneceu por anos como um símbolo de união e diversão na comunidade.

Além de toda essa riqueza memorial, os comunitários de Flexal guardam na lembrança aspectos de sua história, que são de valores inestimáveis. Para Rodrigues e Paulino (2023) o conjunto de memórias é uma construção social do grupo onde o ser vive e onde coexistem elementos de escolha e rejeição em relação ao que será lembrado. Essas memórias, muitas vezes transmitidas por gerações, fazem parte da identidade coletiva e do processo de ressignificação do passado.

Um das histórias é a lembrança compartilhada por Ana Lourdes Bentes de Souza relatou uma história que sua falecida mãe contava na época da Cabanagem, uma revolta popular que ocorreu no Pará entre 1835 e 1840, marcada por intensos conflitos entre os insurgentes e o governo imperial. Os oficiais da guerra vinham buscar os homens em Óbidos para irem para a guerra, e surgiu o rumor de que os oficiais chegariam até Flexal, para buscar os homens da vila, o que gerou um grande temor entre os moradores. Quando a noite chegava, os homens do Flexal fugiam para o lago, escondendo-se na mata para evitar o recrutamento, deixando na vila as mulheres acompanhadas dos filhos. Maria de Lourdes, também moradora de Flexal, ofereceu um depoimento que complementa essa memória, destacando o impacto que tais eventos tinham sobre a comunidade, reforçando o medo e a necessidade de resistência durante esses períodos históricos turbulentos, relatou:

“Vim de uma várzea chamada lago dos patos aos dez anos de idades, e estou com 60 anos, lembro que era só uma estradinha que tinha na beira, água não tinha. Era de cacimba que nós usava, luz era lamparina, depois ainda teve um motorzinho de luz que era até às 21 horas da noite, de lá só outro dia, tinha pouquinha gente na comunidade. Colégio não existia, nós estudava numa capela chamada capela de São João Batista, lá nós estudava só era umas dez crianças, e hoje em dia já tem dois colégios tem muitas ruas, tudo nós já tem... Temos água encanada tudo tá mudado mesmo, lembro das festas religiosas como era da antiga pra agora, nas festas juninas tinha muitas brincadeiras, antigamente tinha danças como pastorinhas, quadrilha, marambiré, rouxinol, tangará, pavãozinho, e beija-flor. Tudo de antes tinha, hoje não tem nada malamar a quadrilha, A pastorinha eu brincava, também era um cantigo bonito que faziam pro Menino Deus todos os anos dia 24 e 25 de dezembro, aí nós se arrumava pra nós ir brincar, as músicas eram bonitas uma delas era do anjo que era assim: “Sou anjo do Céu, que ajudou nosso Senhor, sou anjo coroado, batem palma e joguem flor, eu vim anunciar este meu lindo presépio, eu vim anunciar este meu lindo presépio. Era muito lindo, tinha outra cantiga do pavãozinho da professora Aurea Ferreira com os alunos dela, que era assim: “senhora dona da casa de licença de entrar, pavãozinho está na rua não viemos demorar, pavãozinho é bonitinho, pavãozinho é bonitinho da nossa estimação”. Era muito bonito e era de estimação deles. O filho dela diz aquele pavãozinho e ficou por muitos anos. Hoje em dia não fazem mas isso. Quando eu chegava da roça que eu ia trabalhar, quando não, eu ia plantar mandioca ou fazer farinha, eu não tinha cansaço, tomava meu banho e saia pra brincar, brincava na pastorinha no pavãozinho eu tinha aquela disposição que tudo eu fazia. A juta eu acho que não existe mais, roça ainda dá pra gente fazer, mas pouco porque mata já não existe mais que os donos de terra transformam tudo em campo pra criação de gado. Como eu tava dizendo tudo tá mudado, antes pra um jovem sair pra uma festa tinha de ser acompanhado dos pais, hoje em dia, só querem saber de balada como dizem, não respeitam mais ninguém, bebem, fumam com maior naturalidade”.

Os depoimentos da senhora Maria de Lourdes e dos outros moradores de Flexal, como Nila Pereira, Manoel Raimundo Pereira e Mateus Ferreira Bentes, revelam uma rica tapeçaria de histórias e memórias que são essenciais para compreender a identidade cultural e histórica do distrito de Flexal, em Óbidos. Esses relatos não apenas resgatam o passado da comunidade, mas também revelam como as transformações ao longo dos anos moldaram as relações sociais, as práticas culturais e o cotidiano local.

A história de Maria de Lourdes, por exemplo, destaca a simplicidade de sua infância, quando as condições de vida eram difíceis, mas a convivência comunitária e as tradições mantinham as pessoas unidas. Ela menciona as festas religiosas e folguedos como elementos centrais da cultura local, como a

Pastorinha, o *Pavãozinho*, e as quadrilhas, todas representando um espírito comunitário e de celebração, que ao longo do tempo foram perdendo espaço para outras formas de entretenimento, como as "baladas", que, segundo ela, refletem uma mudança de valores nas novas gerações. Esse contraste evidencia não apenas a transformação dos modos de lazer, mas também o desafio contemporâneo de preservar e valorizar as tradições culturais que sustentaram, por décadas, a coesão e a identidade do povo de Flexal.

Nila Pereira compartilhou seu depoimento, no qual é descrito a educação anterior e as festas religiosas passadas no distrito:

“Quando eu era criança, que estudava, eu escrevia na folha de bananeira, não tinha escola, era numa casinha a nossa escola, nós sentava num banco ao redor duma mesa grande, daí a professora começava escrever o ABC na folha de bananeira pra gente escrever em baixo, depois ela mandava nós ficar numa fila pra estudar tabuada, aí ela começava perguntar a tabuada, quem não sabia apanhava de quem sabia, ela dava castigo tudo isso ela fazia com a gente, mais tarde ela dava merenda e aí a gente ia embora para casa. Quando eu era jovem, eu ia para festa com meus pais, chegando lá eles deixavam a gente num banco até começar a música, aí o cavalheiro puxava a gente para dançar, quando a gente não queria dançar, nós dava uma desculpa, dizia que estava doendo a perna ou o pé, era assim a nossa dança. Na pastorinha dancei umas três vezes, eu era o pastor guia. Era muita bonita a nossa festa, eu era do cordão Vermelho, porque tinha disputa entre o Vermelho e o azul, nesse tempo se juntava muito povo pra assistir nossa dança era muito bonita, me colocaram para cantar. Eu era o pastor guia com meu cajado na mão aí eu cantava: “Sou pastor guia bem alegre eu venho, acordo cedo vou para a campina, eu vou levar o meu rebanho das maiores até as pequeninas, sou eu o pastor guia que venho aqui para pastorá-la, as minhas ovelhinhas que para elas não se abandonar”. Outra cantiga da pastorinha que eu cantava era assim: “Sô Sabina sou encontrada, todo dia lá na calçada, na calçada da academia ô! Com banana macaco se engana, não passa mulato sem canja, os estudantes da medicina, não passa sem a banana, a laranja é da Sabina, a laranja é da Sabina”.

O depoimento de Nila Pereira oferece uma janela preciosa para compreender as condições de vida, a educação informal e as tradições festivas de Flexal em décadas passadas. Ela relata que, em sua infância, não havia escola formal e que aprendia a escrever em folhas de bananeira, ao redor de uma mesa, com a professora ensinando o alfabeto e a tabuada. Apesar da rigidez das práticas pedagógicas da época, como os castigos físicos, Nila destaca a importância do aprendizado e das merendas como parte do cotidiano escolar.

O relato evidencia uma forma de educação informal e improvisada, característica comum em comunidades tradicionais ribeirinhas, marcada pela escassez de recursos, mas sustentada pela valorização do ensino como via de ascensão e autonomia, é na prática cotidiana que o saber se constrói, mesmo diante das limitações impostas pelo sistema social, “e os saberes orais constituídos continuam sendo entendidos como veículos de uma tradição e não como ‘referência cultural’” (Cavignac, 2010, p. 124).

Quando jovem, Nila participava das festas acompanhada pelos pais, descrevendo os bailes com alegria e nostalgia, mencionando como os cavalheiros convidavam as jovens para dançar. Ela também destaca sua participação na tradicional Pastorinha, na qual representava o “Pastor Guia” no cordão vermelho. Suas lembranças evocam a energia das disputas simbólicas entre os cordões e a beleza das cantigas que eram entoadas durante as apresentações.

No depoimento do senhor Manoel Raimundo Pereira, de 63 anos, filho de Nila Pereira, há também valiosas informações sobre as crenças e mitos. Seu Manoel chegou à comunidade com sete anos de idade, sua profissão é pescador:

“Quando cheguei aqui para o Flexal eu tinha sete anos, aí eu fui crescendo, crescendo tudo era mais difícil. Só tinha essa rua da beira, tinha poucas casas e moradores, onde morava os Ferreira, a Mariana, Raimundinho Miléo, José Venâncio e Roxinho Bentes. Tinha o sobrado que chamavam de colégio. Tudo era esquisito, até visagem tinha. Eu tô nessa idade, mas vi visagem aqui nessa beirada. Vi o ‘pretinho” na frente da casa da Roseli sentado, aí eu chamei pelo nome dele, aí ele não olhou, no outro dia eu perguntei dele pra mulher dele. Ela disse que ele estava para a cidade. Aí eu pensei, puxa, então era a visagem que estava lá. Falavam, mas eu não acreditava, mas nesse dia eu vi, falavam também que aparecia uma loira ali numa encruzilhada eu não acreditava. Numa certa noite, eu saí e topei com ela de costa para mim. Aí só comigo! essa visagem que aparece aqui. Também não liguei, não tinha medo, fiz a minha viagem... Quando foi um certo dia, lá está a dita loura de novo que não sai da minha frente, topei umas três vezes. Aparecia outra visagem, os mais antigos diziam que passava em altas horas da noite, uma tal de calça molhada mas eu não acreditava. Quando foi um dia, eu estava acordado ali por volta de meia noite quando escutei uma soada: “fulano, fulano, fulano”! Fiquei escutando, me perguntando o que poderia ser aquele barulho, aí me veio na memória a história do calça molhada. Para tirar minhas dúvidas resolvi conferir a história abri a porta, pra minha surpresa o barulho continuava, mas não vi nada e então passei a acreditar na história do calça molhada. Outro era o boto que saia em terra pra dançar em festa aqui no Flexal, tinha uma festa do Santo Antônio, tinha um colega meu até já

morreu, saiu pra festa e viu um homem que tava tudo de branco. Ele pensava que era um colega dele e começou chamar: ei,ei ei... Sabá, me espera cara lá! Pra gente ir de companhia. Aí o cara nem ligou de cabeça baixa, e ele atrás... chamava e nada, quando chegou bem no porto da casa do pai dele, o boto subiu na ponte, e caiu na água e boiou lá fora, aí ele ficou pensando, mas é verdade que o povo fala que aqui apareci boto. Eu acredito que sim, que apareceu o caboco que dançava nas festas. A minha vida era pescaria. Eu pescava aí pelos lagos, até que um dia, o pessoal falava: “olha, não anda só. Cuidado rapaz!”. Sabá, o pescador não tá acreditando em nada. Ele quer saber de pescar, aí quando fui lá um belo dia, eu tinha um bocado de peixe. Aí eu pulei numa praia pra cuidar de uns peixes pra não chegar estragado em casa, aí eu disse, eu vou cuidar desses peixes e passar sal, e já chego com eles cuidado lá para casa, e eu tinha que esperar o vento cair pra me armar a vela. Eu tinha encostado numa árvore na beira do lago, de lá eu tinha de passar por cima da prancha para deixar o peixe embaixo numa árvore, já tinha passado umas quatro vezes. Só que eu já tinha percebido um buraco no toco de uma artimigeira, mas eu lá sabia o que era aquilo o que significava, quando acaba, não era uma sucuri que parava lá. Eu passei a primeira, a segunda, a terceira, quando foi na quarta vez que eu passava com peixe na mão, ele se jogou por trás de mim, na minha perna, aí eu gritei: “ai, ai, ai”, daí eu caí, do que eu caí rasgou a minha perna, que eu olhei para trás, ele tava se enrolando no buraco, se enrolou, chega ficou aquela torre. Aí eu com terçado muito amolado e mesmo com a dor, me enche de coragem, talhei o priante até que acertei ele, cortei, cortei... até que achei o espinhaço deli, fui lá pra terra tirei um galho grande, meti na volta do bicho e puxei joguei lá em terra. Aquele bicho ficou um metro de altura enrolado, daí começou entesar minha perna, embarquei na canoa, sai de lá umas oito horas, quando cheguei aqui em casa era meio-dia, eu remava, remava, olhava pra trás pra ver si eu enxergava um parceiro pra mi trazer e nada. Assim mesmo eu cheguei aqui pra casa já doente da perna que endureceu tudo. Passei uma vida meia ruim, na época de pescaria, eu alaguei com meu irmão. Era de noite, fui sorte nós não ter morrido, mesmo assim continuo pescando, já não faço mais o que fazia, saio de vez em quando pra pegar uns peixinhos, e assim eu vou vivendo até quando Deus quiser”.

O depoimento de Manoel Raimundo Pereira, pescador e morador do distrito de Flexal desde a infância, revela aspectos marcantes da memória coletiva local, especialmente no que se refere às crenças populares, mitos e experiências vividas em meio à natureza amazônica. A narrativa de Manoel destaca a presença constante do sobrenatural no imaginário popular, com menções a “visagens”, como o “pretinho” e a “loira da encruzilhada”, além da famosa figura do boto, muito presente nas festas e histórias ribeirinhas.

Esses relatos demonstram o modo como os moradores interpretam eventos cotidianos por meio da cosmovisão tradicional, marcada pela crença em forças

invisíveis e seres encantados. O relato da sucuri que tentou atacá-lo reforça a relação de risco e respeito com o ambiente natural, revelando a sabedoria prática adquirida ao longo da vida e a coragem necessária para lidar com situações extremas.

Mesmo com os perigos enfrentados, Manoel demonstra profundo vínculo com a pesca, sua principal atividade, representando não apenas um meio de sobrevivência, mas também uma forma de conexão com o território. Sua fala, permeada por causos, experiências e memórias, nos transporta para um universo simbólico que ainda persiste no cotidiano dos moradores mais antigos de Flexal. Assim, o depoimento de Manoel, além de registrar uma vivência pessoal, nos conecta com uma herança cultural ribeirinha que resiste ao tempo, mantendo vivas as lendas e saberes tradicionais da Amazônia.

Outro depoimento importante coletado no distrito é o do senhor Mateus Ferreira Bentes, que compartilhou alguns acontecimentos marcantes sobre o passado de Flexal. Ele mora na comunidade desde os dez anos e foi casado com Anália Picanço Pereira. Atualmente, ele continua vivendo em Flexal. Em seu relato, ele nos conta:

“Flexal não tinha frente, tudo era mata, até no ano de 1954, tinha só 24 Casas, não tinha energia, não tinha rua era só uma estradinha. A primeira casa era do Benedito Rocha, lá no final do Paraíso que era no final do Flexal, a segunda do Sebastião Cardoso, e assim por diante. Como meio de comunicação na época era só o rádio a pilha, não tinha água encanada, tempo de cheia a gente usava água do rio para beber, tomar banho etc. Tempo de Seca era feito cacimba. De lá era tirado água pra tudo. Os mais antigos falavam que antigamente teve uma guerra civil, e matavam gente, muita gente na região e no Flexal, e os que tinham dinheiro tinham de enterrar porque os que vinham na guerra roubavam tudo dinheiro e levavam, muitos morreram e ficou o dinheiro enterrado, e onde o dinheiro ficou enterrado aparecia um fogo enorme, quando a pessoa chegava perto desaparecia o fogo, quem achava o dinheiro ficava rico. Só que a pessoa tinha de benzer fazendo o sinal da cruz pra que o espírito das trevas não o perseguisse. Os Ferreiras criaram uma índia. O nome dela era Naná, essa índia sabia onde tinha dinheiro enterrado, e os Ferreira faziam a índia levar eles no local onde tinha o dinheiro, eles tiraram e ficaram ricos, só que tiveram de se mudar daqui pra Alenquer. Outro que ficou rico porque tirou dinheiro enterrado e ouro foi o Dimilsão, e ele teve de se mudar pra Manaus e até hoje vive por lá. Havia um judeu que morava aqui na comunidade o nome dele era Zacarias Mescano, foi um dos fundadores da comunidade, e era um comerciante rico, morreu e outras pessoas roubaram seu dinheiro e ficaram ricos. Na época acontecia muitos desses fatos, tudo isso ficou no passado. Hoje não existe

mais nada disso. Tem também a senhora Ana Garcia, de 80 anos de idade, moradora da comunidade, e foi uma das pessoas mais influentes da época, juntamente com seu esposo Nilson Gomes da Silva, já falecido, juntos conseguiram muitos benefícios para a comunidade. A senhora Ana foi professora e autora do Hino do Flexal”.

O relato de Mateus Ferreira Bentes apresenta a vivência de um pescador no Flexal e traz à tona as crenças e mitos locais, como as histórias de visagens e aparições misteriosas, incluindo a figura do boto que dançava nas festas. Essas histórias conectam-nos com um universo de lendas que permeiam a vida ribeirinha e que continuam a influenciar a cultura local, mesmo que de maneira menos explícita do que no passado.

Ao considerar a riqueza cultural existente por meio da história oral, que traz expressões, mitos, lendas, festejos, convivências e trejeitos, é evidente que a cultura e identidade vão muito além das celebrações tradicionais. Ela reflete o território amazônico, que é, para os povos ribeirinhos, o chão e a fonte de vida, representado em suas diversas facetas, mas com um âmago que é indispensável ao cotidiano dessas populações (Polvani et al., 2021, p. 33).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos compreender, por meio da pesquisa realizada em um distrito tradicional, aspectos profundos da cultura do povo amazônico. Flexal de Óbidos, um distrito com um museu vivo de memórias, identidade cultural e diversidade, destaca suas tradições orais, saberes populares e as práticas comunitárias conectando o passado, presente e futuro com elementos culturais moldam a vida contemporânea. Neste sentido, concordamos que a necessidade de garantir a memória se torna uma missão (Polvani *et al.*, 2021).

As manifestações coletadas em Flexal de Óbidos mostram que as memórias dos moradores atuam como um mecanismo de resistência frente às pressões da globalização e homogeneização cultural, que muitas vezes suprimem as comunidades e suas tradições. Em um mundo marcado por mudanças constantes, as comunidades tradicionais preservam suas histórias e práticas, fortalecendo um senso de pertencimento e coesão social. É fundamental que esses espaços tenham autonomia para se autoafirmar, garantindo que as narrativas orais sejam ouvidas, reconhecidas e registradas.

Nossa pesquisa visa alertar para a necessidade de iniciativas sociais, governamentais e culturais que apoiem e valorizem o patrimônio da memória

viva, não apenas na região amazônica, mas em muitas outras localidades que continuam invisíveis em uma sociedade cada vez mais globalizada. A preservação cultural deve caminhar lado a lado com a melhoria das condições de vida das comunidades, pois ambas são essenciais para a construção de um futuro mais justo e igualitário. Essas iniciativas buscam resgatar e dar vida aos povos que preservam e renovam a cultura, identidade e memória do nosso país.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Francisco Alcicley Vasconcelos; CUNHA, Isaías dos Santos da; RODRIGUES, Renan Albuquerque. Literatura e identidade: subsídios léxico-semânticos que ilustram a Amazônia na obra *Várzea e Terra Firme*. *Revista MUI*, Universidade Federal do Acre, 2023.
- ARANTES, A. A. A salvaguarda do patrimônio cultural imaterial no Brasil. In: BARRIO, A. E.; MOTTA, A.; GOMES, M. H.(Org.). *Inovação Cultural, Patrimônio e Educação*. v. 1. Recife: Massangana, 2010. p. 52-64. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/3630/1/livro%20congresso%20Recife%20completo.pdf#page=52>. Acesso em 06 ago. 2025.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *Estética da criação verbal*. — 2' cd. — São Paulo Martins Fontes, 1997.
- BAYARD, Jean- Pierre. *História das lendas*. SP: Book e BooksBrasil.com, 2002.
- CARMO, João Victor Rezende; LIMA, Lara Vento Moreira; SÁ, Hochtávio Pereira de; SOUZA, Ana Caroline Nogueira Moreira. *A importância das crenças populares na medicina. Anais da Semana Universitária e Encontro de Iniciação Científica*, UNIFIMES, 2021.
- CARVALHO, Bruna Franco Castelo Branco; COSTA, Claudiene dos Santos. Festas de São João: das origens à atualidade. In: RIBEIRO, Rita; ARAÚJO, Emília; SILVA, Márcia; FERNANDES, Alberto (ed.). *Festividades, culturas e comunidades: patrimônio e sustentabilidade*. Braga: UMinho Editora, 2022. p. 73-83. Disponível em: 1. Acesso em: 06 abr. 2025.
- CAVIGNAC, Julie. Retóricas do olhar e tramas da narrativa. Historicidade e mitografia em Nísia Floresta (RN). In: MARTINS, José de Souza; ECKERT, Cornelia; NOVAES, Sylvia Caiuby: *O imaginário e o poético nas ciências sociais*. Bauru, EDUSC, 2005.
- CAVIGNAC, Julie Antoinette. Mito e memória na construção de uma identidade local. *Revista Organon*, Rio Grande do Sul, v.21, n.42, 2007. ISSN 2238-8915. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/36163/23366>>. Acesso em: 31/10/2024.
- CAVIGNAC, Julie.A. Patrimônio cultural e questão étnica no Rio Grande do Norte. In: BARRIO, A. E.; MOTTA, A.; GOMES, M. H.(Org.). *Inovação Cultural, Patrimônio e Educação*. v. 1. Recife: Massangana, 2010. p. 52-64. Disponível em: <https://repositorio.iscte->

iul.pt/bitstream/10071/3630/1/livro%20congresso%20Recife%20completo.pdf#page=52. Acesso em 06 ago. 2025.

CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. 2. ed. Rio de Janeiro: Difel, 1990.

FERREIRA, Marieta de Moraes. Diário pessoal, autobiografia e fontes orais: a trajetória de Pierre Deffontaines. In: *International Oral History Conference* (10.: 1998: Rio de Janeiro, RJ). Oral history challenges for the 21st century : proceedings [of the] X International Oral History Conference /Eds. Ilana Strozemberg...[et al]. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV/Casa Oswaldo Cruz, 1998.

HALBWACHS, Maurice. *La mémoire collective*. Paris: Presses Universitaires de France, 1990.

LAZZARI, Artur; MAZZARINO, Jane M.; TURATTI, Luciana. Comunidade: a busca de um conceito. *Revista Espacios*, v. 38, n. 3, p. 4, 2017. Disponível em: revistaespacios.com/a17v38n03/a17v38n03p04.pdf. Acesso em: 19 ago. 2025.

NASCIMENTO, Cicero Bruno Barros. Lugar de memória: os mitos e as lendas na construção de identidades. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, São Paulo, v. 8, n. 03, mar. 2022.

NORA, P.; AUN KHOURY, T. Y. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História : Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, [S. l.]*, v. 10, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 3 abr. 2025.

MACEDO, Alleks Endriw Pereira. “(Re)Historicizando as Folias de Reis”: reflexões críticas sobre a dicotomia cultural em uma perspectiva decolonial. In: *Encontro Regional De História da ANPUH-RJ*, 18., 2020, Rio de Janeiro. Anais [...]. Rio de Janeiro: ANPUH-RJ, 2020. Disponível em: revistaespacios.com/a17v38n03/a17v38n03p04.pdf. Acesso em: 19 ago. 2025.

PAULINO, Itamar Rodrigues. A Amazônia entre culturas, identidades e memórias. Em: LIMA, Rogério e MAGALHÃES, Maria da Glória (orgs). *Culturas e Imaginários: Deslocamentos, Interações e Superposições*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2018.

POLLAK. Michael. Memória, esquecimento e silêncio. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

POLVANI, R.S.G.; OLIVEIRA, V. B. M.; ALVES, H. S.; SILVERIO, D.; PAULINO, I. R. Canto à harmonia das relações entre o homem amazônida e o meio ambiente que o circunda. Em: OLIVEIRA, Valdeci Batista de.; ALVES, Melo Helionora da Silva (organizadoras). *Nas teias da Amazônia: natureza, saberes e culturas no olhar de escritores e escritoras amazônidas – V. 2*, Curitiba: CRV, 2021.

PROENÇA FILHO, Domício. *A linguagem literária*. 8.ed. — São Paulo: Ática, 2007.

RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean- François. *Para uma história cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

RODRIGUES, E. do N.; PAULINO, I.R. Diálogos Interdisciplinares sobre Identidad y Memoria Quilombola en la Amazonía Brasileña. Em: PAULINO,

Itamar Rodrigues e OLIVEIRA JUNIOR, José Max Barbosa (orgs).
Interdisciplinaridad En El Contexto Contemporáneo. Volumen 1. Santarém:
UFOPA/PPGSAQ, 2023.

SERRES, Leandro de Almeida; AZEVEDO, Domingos Sávio Campos de.
Patrimônio, identidade e memória: a educação patrimonial como ferramenta
de valorização da cultura imaterial local. *Revista de Estudos Interdisciplinares*,
v. 3, n. 1, p. 1–15, 2021. Disponível em:
revistas.ceeinter.com.br/revistadeestudosinterdisciplinar/article/view/37.
Acesso em: 19 ago. 2025.

Eliane do Nascimento Rodrigues é mestra em Sociedade, Ambiente e Qualidade de
Vida, Universidade Federal do Oeste do Pará (PPGSAQ), UFOPA/PROEXT-CIMA.

Danielly Samara Mafra Pereira é mestranda em Sociedade, Ambiente e Qualidade de
Vida, Universidade Federal do Oeste do Pará (PPGSAQ), UFOPA/PROEXT-CIMA.

Itamar Rodrigues Paulino é doutor em Teoria Literária pela UnB, é professor e
pesquisador na Universidade Federal do Oeste do Pará, coordenador do Programa de
Pesquisa e Extensão Cultura, Identidade e Memória na Amazônia (CIMA) e do
Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Ambiente e Qualidade de Vida
(PPGSAQ), ambos da Ufopa.

Texto recebido em: 18/05/2025

Texto aprovado em: 28/08/2025